

## CORRESPONDENCIA SCIENTIFICA

A HYPOEMIA, O BERI-BERI E A MOLESTIA DOS  
OPERARIOS DO TUNNEL DE S. GOTHARDO

(2ª Carta ao jornal o *Monitor*, com algumas notas e correções — V. *Gaz. Med.*  
de julho de 1880 p. 23.)

Pelo Dr. J. F. da SILVA LIMA.

Illms. Srs. Redactores—O pouco tempo que me deixam livres as minhas occupações quotidianas não me permittiu attender mais cedo, como devia e desejava, á consideração que prestou o seu digno correspondente particular de Berlim ao meu pequeno artigo, que Vs. Ss. tiveram a bondade de inserir no *Monitor* de 30 de maio.

Muito longe estava eu de pensar que as rectificações e reparos que n'este escripto julguei necessario fazer a um trecho da sua correspondencia publicada n'este jornal, em 22 d'aquelle mez, chegasse a merecer de S. S. a honra de lhes consagrar uma carta especial, erudita, e, além disso, em termos tão cortezes que chegam quasi até á amabilidade. Não mereciam tanto, de certo; e, se por uma parte não tenho motivo para desvanecimento e sim para agradecer, como agradeço, a extrema benevolencia do illustado correspondente do *Monitor*, tenho-o, sem duvida, pelo facto de haver o meu humilde escripto provocado uma longa e doutissima dissertação sobre assumpto que, de ordinario, não é familiar aos escriptores polygraphos que não são medicos ou naturalistas, e que vivem, como S. S., atarefados com trabalhos de outra ordem.

Limitaria eu a estas poucas linhas o que a forma, o character grave e a delicadeza de expressões da carta especial do correspondente exigem de mim como um dever de cortezia, se elle não me convidasse a exhibir pro-

artigo a que S. S. se refere, ou em qualquer outro meu que por ventura conheça?

Rectificar factos ou interpretações, ir de encontro a opiniões infundadas, ou a meras affirmativas de noticiario que, propagadas pelos milhares de ecos da imprensa podem revestir certas apparencias de verdade, não é combater individualidades; e quando eu por desgraça minha o fizesse, não escolheria para principiar a de um cavalheiro, que como tal se revela em seus escriptos, e para quem o anonymo, que diz ser obrigado a guardar, parece que é antes o veu de recatada modestia, do que a viseira da immunidade pessoal.

\* \* \*

O douto correspondente chegou a pensar, ao que parece, que eu lancei á sua conta a responsabilidade da noticia que elle extrahiu de uma gazeta estrangeira, cujo titulo citou; não foi, nem podia ser por isso que o responsabilizei, e sim pelas reflexões e commentarios que acompanham aquella noticia, e que, por certo, não são da referida gazeta. Eu não tomei contas a ninguem individualmente da confusão que a S. S. mesmo parece ter havido da parte do noticiario da folha italiana; a responsabilidade d'essa confusão vae a quem toca; o meu fim foi unicamente mostrar que tal confusão existiu, e restabelecer a verdade dos factos. Nisto estamos de accordo.

Mas em troca d'essa confusão que reconheceu existir naquella noticia, encontrou S. S. outra que não existe no meu escripto, onde suppõe ter eu dito: *que não se deve dar credito á asseveração que essa molestia (o ankylostoma) exista tambem no Brazil*, e affirmado, como affirmei depois — *que ella existe entre nós e é conhecida pelos nomes vulgares de — opilação ou cançasso.*

Mas o facto é, que se aqui ha confusão não é minha. As

sete proposições que eu enumerei logo depois de citar integralmente o topico da carta do correspondente de Berlim, não eram só as que eu me propunha a rectificar, e sim todas as que resumiam o que se podia apurar do contexto do mesmo topico.

A de n. 2, que S. S. cita destacadamente, refere-se á de n. 1 e em opposição a ella. Uma diz assim:

—*Que uma molestia nova atacou 70% dos operarios do tunnel de S. Gothard.*

E a outra:

—*Que esta molestia, que o professor Bozzolo dizem ter denominado—ankylostoma —(isto é, a molestia nova) tambem existe no Brazil e no Egypto.*

Esta segunda proposição está ahi para mostrar a contradicção com a primeira. Foi por isso que eu as precedi da declaração de que—*a dar-se credito ás precedentes asseverações* (as do topico citado) *ficaria estabelecido*:—que a molestia dos operarios do tunnel de S. Gothardo é *nova*, recebeu um nome tambem novo, e entretanto, existe no Brazil e no Egypto. Por isso disse eu em rectificação, que ella não era nova nem mesmo na Italia, e que já tinha diversos nomes que a designavam, e tornavam conhecida em todo o mundo medico, especialmente nos paizes sub e intertropicaes.

Concorda S. S. em que houve confusão, como eu disse, em a folha italiana tomar pelo nome da molestia o do parasita que a produz — o ankylostomo duodenal; mas, apezar disso, parece-lhe que — «pode um escriptor qualquer usar-o desassombradamente sem attender ao *facto* de haver elle sido empregado indebitamente» — comtanto que tenha o cuidado de declarar que usou de um nome em vez de outro, por uma figura de rhetorica a que chamamos *metonymia!* Mas, se assim succedeu com o noticiarista da *Gazzetta Piemontese*, e S. S. o declara por elle, acredito, e não farei questão por isso,

nempor tal o accusei; disse eu apenas que elle se teria enganado como leigo que é, provavelmente, em medicina.

A um medico, porem, não seria licito usar de metonymias em nomenclatura nosologica, sob pena de levar a confusão onde se requer clareza e propriedade nos termos.

Não conheço ainda o trabalho recente do Dr. Bozzolo a que se refere aquella gazeta; porem um ainda mais recente do Sr. Perroncito, sobre o mesmo assumpto, (*Gaz. Med. de Paris*, de 30 de julho—1880) não menciona a denominação de *ankylostoma*, que se diz ter dado aquelle seu compatriota á molestia dos operarios de S. Gothardo; falla d'ella como uma anemia perniciosa parasitaria, devida á presença nos intestinos de não menos de tres helminthes: o *ankylostomo* ou *Dochmius duodenalis* de Dobini, a *Anguillula stercoralis* e *A. intestinalis* de Bavay, todos os quaes elle affirmar ter encontrado associados áquella molestia.

Mas, se realmente o professor Bozzolo usou de um neologismo em nomenclatura, não terá sido, talvez, adoptando o proprio nome do verme que elle julga ser a causa da molestia, e sim um derivado, como por exemplo, *ankylostomia*, ou antes *ankylostomiase*, como de helminthe se fez *helminthiase*, de trichina *trichinose*, etc., etc.; d'ahi a facilidade do engano, supprimindo no primeiro d'aquelles nomes uma letra, e no segundo tres.

O illustrado correspondente, que tão extensas considerações faz sobre este ponto, aliás de somenos importancia, ao meu ver, é quem melhor pode resolver esta duvida, se nisto acha interesse, pela facilidade com que, tão perto da Italia, alcançará o escripto d'aquelle professor.

Até aqui occupei-me com a parte do topico da carta do correspondente, da qual S. S. com razão declinou a responsabilidade, sem que eu, de modo algum, o tivesse considerado solidario n'ella com o noticiarista da gazeta italiana; mas de alguma sorte a partilha agora, quando, não satisfeito com desculpal-o, como eu de boa mente faço, procura justificar-o com o mais concludente de todos os argumentos — uma figura de rhetorica!

Passemos, porem, ás suas proprias reflexões, que S. S. sustenta, e cuja responsabilidade acceita.

1.º Disse: — *que o ankylostoma poderá ser o nosso terrivel beri-beri.*

A esta hypothese gratuita eu respondi pela negativa na minha terceira rectificação; S. S., porem, passou-a por alto, pelo que me é licito crer que a acceitou.

2.º Disse: — *que um medico da Bahia dera esta doença (o beri-beri) como nova (no Brazil) e originaria da Africa.*

Na minha rectificação correspondente disse eu não me constar que algum medico na Bahia tivesse escripto que o beri-beri fosse molestia nova entre nós, e muito menos originaria da Africa; que aqui se disse em 1866 que ella era até então desconhecida, ou passára desattendida dos praticos, *como affecção especial.*

A isto responde, com grande admiração minha, o douto escriptor, o seguinte: « Das proprias palavras de S. S. deduz-se que o beri-beri era considerado molestia nova, pois S. S. é quem declara que o que se disse ahi em 1866 foi, que o beri-beri era até então desconhecido entre nós. »

Como succedeu a S. S., tambem se me confrange o coração ao vel-o tirar d'alli esta conclusão: — *Logo era nova!*

De modo que, o que é desconhecido é novo! As ossadas fósseis de especies animaes extinctas, por exemplo, tantas vezes encontradas, e por tanto tempo desconhecidas, são novas! As antiguidades que hoje se admiram em Herculanium e Pompeia, e que por tantos seculos jazeram desconhecidas sob a lava do Vesuvio, são novas?

E, para me servir de um exemplo de casa, a febre amarella, que aqui devastou a população, sob o nome de *bicha*, em 1686, por ter sido nesse tempo desconhecida em sua natureza e procedencia, era nova no paiz em 1849!

Mas aonde nos levaria a confusão de dois termos que nem sequer são synonymos, visto que uma cousa pode ser desconhecida sem ser nova, e vice versa?

Como quer que seja, S. S. tirou aquella extraordinaria conclusão porque omittiu, involuntariamente, sem duvida, as palavras complementares da minha proposição e restrictivas de meu pensamento; o que eu disse foi:— era até então desconhecida, *ou passára despercebida dos praticos, como affecção especial*. Ora, isto não quer dizer que a molestia era nova, e estou convencido que o não era, mas, simplesmente, que não foi conhecida como affecção especial. Acrescentarei, que o termo *beri-beri*, que já era dado na India a uma molestia identica, foi-lhe applicado aqui quando já reconhecida como affecção especial, substantiva, uma individualidade morbida bem definida, emfim.

A respeito da origem africana do beri-beri, attribuida infundadamente ao tal medico da Bahia, S. S. nada quiz dizer em sua replica, e por isso devo crer que tambem neste ponto concorda com a minha rectificação.

3.º Disse:— *que um livro escripto ha duzentos annos dá o beri-beri como existente no Brazil nessa epoca, e com o mesmo nome.*

Esta proposição rectifiquei-a eu dizendo, que esse livro era o de Piso, intitulado — *De Indiæ utriusque re medica et naturali* (1658), que traz para o fim um capitulo sobre o beri-beri na India, escripto por Boncio em 1645; e que o mesmo Piso não fallára em beri-beri, senão uma vez, e só para o distinguir do estupor. Agora, porem, e por amor á verdade, corrigirei esta minha ultima affirmativa; Piso falla de beri-beri em outra passagem, que adiante citarei em seu devido logar.

Mas S. S. depois d'aquella conclusão que quiz tirar das minhas palavras — « Logo era nova » (a molestia) exclama compungido — « Mas, confrange-se meu coração vendo-me forçado a replicar; « isso é inexacto, desde que Pison falla em beri-beri, segundo affirmo e confirmo ainda. »

De sorte que basta que Piso tenha fallado em beri-beri para se concluir d'ahi que a molestia não seja nova no Brazil, e já aqui existisse quando elle escreveu!

E acrescenta, que essa obra não foi citada aqui até 30 de maio de 1880; e que compulsou muitas publicações sobre beri-beri, estrangeiras e nacionaes, e que nenhuma se refere á obra de Piso.

Nada mais natural.

Como poderia ser citado sobre beri-beri um autor que não trata de semelhante cousa? Mas consulte S. S. de novo essas mesmas publicações, e outras que possa encontrar, e afaço que achará em quasi todas o nome de Boncio como autor do mesmo trabalho que Piso incorporou ao seu livro (edição de 1658), em seguida aos escriptos sobre historia natural, astronomia, meteorologia, etc., do seu companheiro e collaborador Marcgrave.

Vae S. S. por diante, e acrescenta: — « *que não é tambem exacto que na obra de Pison nada se encontra com referencia ao beri-beri no Brazil, mas unica-*

mente ás *Indias Orientaes*,» como eu dissera. Provas d'esta asseveração, nenhuma absolutamente, pois não teve o erudito escriptor o necessario tempo de ir á Bibliotheca Publica (de Berlim) folhear a dita obra, para citar, *ipsis verbis*, o trecho sobre o beri-beri a que se referiu o seu amigo informante.

Mas S. S., apesar dè não ter de memoria o trecho inteiro, recorda-se muito bem do principio d'elle, e pede-me que lh'o transcreva aqui todo nas proprias palavras de Piso.

Vou já satisfazer o seu desejo.

O que S. S. sabe é só isto:

«E' justamente no livro segundo, que tem por epigraphe — *De endemiis et familiaribus morbis in BRASILIA*—, e a phrase principia pelas seguintes palavras:— *Inter chronicos Brasiliae morbos familiares est ille.....*»

E n'este *ille* obscureceu-se de subito a memoria do meu honrado contraditor; e em vez da continuação do trecho fica ahí uma longa reticencia, ou antes, um vacuo; e qualquer pio leitor que não attenda ao mecanismo d'este argumento, dirá muito naturalmente, comsigo mesmo: — é clarissimo; é alli que está o beri-beri; é o *ille* que o denuncia, porque um escriptor grave não o apontaria assim com o dedo se não soubesse que é lá que elle está.

Pois não está; nunca esteve, como affecção chronica familiar no Brazil.

O capitulo 4º do livro 2º acima indicado pelo correspondente, intitula-se — *De Stupore*, na edição de 1649, e — *De Stupore Membrorum*, na de 1658.

Em ambas as edições o famoso trecho que a repentina falta de memoria do douto correspondente deixou interrompido no ponto essencial, é, *ipsis verbis*, como elle m'o pede, o seguinte:

«— *Inter chronicos Brasiliae morbos familiares* (na

2ª edição está: *in America) est ille qui nervos tentat, altumque membrorum torporem inducit. EUM Lusitani apellant Air quod ab aeris inclementia, et ex incompleta obstructione, intemperieque frigida nervosarum partium oriatur.* »

Aqui está, pois, a transcrição pedida; se o meu illustrado contraditor não estiver satisfeito, quando tiver tempo verifique-a a paginas 20 da 1ª edição, ou 32 da 2ª. Verá que ahi se trata do *stupor*, que os portuguezes chamavam *ar*, e o vulgo hoje appellida — *ar do vento*, e não do *beri-beri*.

Ainda mais: depois de explicar a molestia (*estupor* ou *ar*), segundo as idéas de pathologia dominantes n'aquelles tempos, pela influencia da pituita, e de enumerar os seus principaes symptomas, o medico hollandez passa ao diagnostico differencial entre ella e tres outras affecções: *paralysis*, *spasmus* (tetano) e *beri-beri*.

Ora, aqui está, finalmente, o suspirado *beri-beri* que S. S. tanto desejava encontrar na obra de Piso, e concluir d'ahi que este o descreveu como existente no Brazil ha mais de duzentos annos.

Vamos ver o que elle disse.

Depois de distinguir o *stupor* da *paralysis* e do *spasmus*, escreveu estas palavras, *unicas* em todo o 2º livro, exclusivamente dedicado ás *molestias endemicas familiares no Brazil*: «*A beri-bery distinguitur (stupor) quod hoc malo divexatis, membra minus contremiscant.*»

Dirá S. S. que Piso conhecia o *beri-beri*, pois que falla n'elle em uma parte da sua obra consagrada ás *molestias familiares no Brazil*: e já se tinha S. S. aventurado a — afirmar e confirmar — que o *beri-beri* não era molestia nova entre nós, desde que Piso a menciona!

Que Piso tinha conhecimento do *beri-beri* é certo; o seu amigo e patricio Boncio, em um livro pu-

blicado em 1645 (tres annos antes do seu), *De medicina Indorum*, descreveu aquella molestia no capitulo 3º, que tem por titulo—*De paralyseos quadam specie quam indigenæ beri-beri vocant*. Ora Boncio não praticou no Brazil, e sim nas Indias Orientaes, e é justamente esse capitulo o que Piso inseriu na segunda edição do seu livro, com outrós trabalhos de historia natural que aquelle seu amigo lhe deixou. (V. Piso, 1658, *Præfatio ad lectorem*.)

Esse capitulo é o 1º do livro 2º, que tem por titulo: *Iacobi Bontii medici Methodus medendi, quæ in Indiis Orientalibus oportet uti*, etc.

Mais ainda: Compulsando de novo a 1ª edição da obra de Piso, tive a fortuna de encontrar outra passagem (a pag. 12 in fine) onde se confirma plenamente o que acima ficou dito. E' no livro 1º—*qui agit de Bræsilix aere, aquis et locis*. Fallando das molestias de diversos paizes tropicaes (India, Africa, Chile, etc.) diz:

« *Atque hi omnes enarrati huic regioni tamquam patrii sunt.* » E poucas linhas abaixo faz a respeito do beri-beri a seguinte declaração: « *In Java Indiæ Orientalis insula (J. Bontius—De medicina Indorum) Bery-bery, paralyseos species, familiaris est.* »<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Depois de publicada esta carta verifiquei que Piso menciona ainda outra vez o beri-beri na sua *Mantissa aromatica*, pags 178 a 179. Fallando do cravo da India, e da agua distillada, ou espirito que d'elle preparavam as mulheres Indias e Lusitanas, e declarando que taes preparados teem grande virtude contra as affecções do cerebro, accrescenta: « *Imprimis autem paralyseos isti speciei Beri-berii dictæ a Bontio nostro accurrate descripta.* »

Ainda n'esta passagem não ha por onde se conjecture que Piso observou o beri-beri no Brazil. Descrevendo o cravo relembra a sua efficacia no tratamento d'esta molestia, reproduzindo o conselho de Boncio, que vem a pag. 16 do seu *Methodus medendi*.

Convem notar que na sua *Mantissa* Piso trata—dos quatro aromas cardeaes, e de algumas plantas da India usadas em medicina.

As plantas do Brazil são descriptas em separado, e occupam todo o 4º livro.

Ora, será crível que Piso, que tinha conhecimento do beri-beri da India, como fica demonstrado a toda a evidencia, e que descreve as molestias familiares no Brazil, e as de outros paizes, que são *huic regioni tamquam patrii*, desde o estupor e o tetano até ás lombrigas e á espinhela cahida, não descrevesse aquella doença, se com effeito a tivesse encontrado, e se limitasse a mencional-a só para a distinguir de outra, e para dizer que ella é familiar na ilha de Java?

Não! dirá agora commigo o proprio correspondente de Berlim, a não ser que ainda lhe seja possível entreter no seu espirito a minima sombra de duvida, ou o mero desejo de—affirmar e confirmar que: *um livro escripto ha duzentos annos dá o beri-beri como existente no Brazil n'essa epoca, e com o mesmo nome* <sup>2</sup>.

Agora julgo poder, sem offensa, restituir ao digno correspondente do *Monitor*, para que d'ella faça melhor uso ou applicação, a memoravel phrase que S. S. entendeu

A *Mantissa aromatica* não vem na 1ª edição, e sim na 2ª (1658), no fim.

<sup>2</sup> Ao obsequio de um illustrado collega devo a leitura de um relatório official, escripto ha 94 annas, sobre as molestias do valle do Amazonas, pelo cirurgião portuguez Antonio José d'Araujo Braga, e dirigido ao Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, em commissão scientifica na capitania do Pará, por ordem do governo de D. Maria I.

Este curioso documento vem n'uma brochura do Sr. Dr. Mello Moraes (A. J.)—*A febre amarella e seu tratamento*, Rio de Janeiro, 1876. Ahi está mencionado apenas, e não descripto, o beri-beri como existente n'aquella epoca (1786) no valle do Amazonas.

O autor falla da molestia nas seguintes laconicas palavras: « A paralyisia a que chamam beribere, ou berberium, acontece n'este paiz, pela mesma causa, e do mesmo modo que em Java. »

O mais que ahi se refere ao beri-beri n'esta passagem, e em outra subsequente diz respeito ás causas e tratamento da molestia resumindo o que n'este particular se encontra em Boncio.

Tendo eu tido noticia do citado relatório depois da publicação d'esta minha carta, e não cabendo nos estreitos limites de uma nota analysal-o detidamente, reservo-me para o commentar em artigo separado.

vas de algumas asseverações consignadas no meu pequeno artigo de 30 de maio, e se eu não tivesse ainda outro dever a cumprir perante a minha consciencia e a profissão a que pertença—o de sustentar as rectificações e reparos que ali fiz, e que S. S. procura invalidar na sua referida carta com argumentos que, com a devida venia, me não parecem concludentes, e com apreciações que julgo inaceitaveis, por menos exactas.

Procurarei ser breve, tanto quanto fôr compativel com a elucidação das questões que deram motivo ao meu supradito artigo, e á replica do meu illustrado contraditor. Não me consente a escassez do tempo acompanhá-lo em todas as suas digressões, commentarios, e citações eruditas, aliás apreciaveis e bem cabidas como adornos litterarios, mas que, no meu fraco juizo, não espargem luz alguma sobre os pontos principaes da nossa divergencia; digo pontos principaes, porque S. S. não se afasta do meu pensar em todos elles; mas, ainda assim, quando concorda, fal-o com certa hesitação, como quem não está inteiramente convencido.

Passando a occupar-me com a notavel carta do correspondente do *Monitor*, permitta S. S. que, antes de entrar na materia principal d'ella, faça aqui uma declaração, que seria escusada se o douto escriptor não tivesse dito no penultimo periodo,—que me desgostou, e que o meu artigo foi dirigido contra a sua individualidade. Não foi o desgosto que me inspirou, nem o revelam aquellas reflexões, e sim o amor da verdade historica e da justiça, e a dignidade profissional, todas mais ou menos compromettidas, involuntariamente, estou certo, n'aquellas noticias que S. S. deu a lèr ao publico d'esta capital, que nenhuma razão tinha para o reputar mal informado.

Contra a sua individualidade? Mas onde e quando combatie u individualidades, conhecidas ou incognitas, no

conveniente dirigir, como apostrophe, á minha obscura individualidade: *Gesta tua non laudantur.....*

4.º Disse mais, em outras palavras:— *que os medicos no Brazil envenenam os seus doentes de beri-beri com o xarope do Dr. Easton, e obstinam-se em proseguir em tão cruel empirismo, não obstante morrerem todos os annos muitas pessoas de beri-beri.* Com effeito, outra cousa não é o affirmar S. S., na sua correspondencia de maio, que se administra aqui o tal xarope aos beribericos *a mais não poder*, isto é, até produzir *ataques nervosos* e a *morte* aos infelizes que se sujeitam a *tão falso* tratamento. Logo, morrem da *cura*, podendo, talvez, escapar da molestia, disse eu.

No pensar do correspondente, portanto, aquellas miseras creaturas tomam o xarope de Easton *a mais não poderem*, e se não tomam mais é justamente porque morrem do que já tomaram. A conclusão logica é, que aquelle remedio é peor do que a molestia; e que os medicos não são muito melhores do que elle, visto que persistem desastradamente em *eastonisar* os beribericos.

E depois de ter asseverado aquillo em relação aos medicos do seu paiz, ainda nos vem dizer o illustrado correspondente que: *« não vê onde esteja a offensa irrogada á classe medica da Bahia (do Brazil tinha elle dito), a injustiça clamorosa ao seu criterio, e ao seu character profissional!*

Mas, que lhe havemos nós de fazer, se elle o entendeu assim, e insiste em que entendeu bem? E' tomar cada qual para si a parte que lhe toca n'aquella apreciação. Eu por mim já tomei a que me pertence, e mais avantajada agora por ter ousado arriscar em publico a minha humilde opinião em contrario. Vejo que fiz mal, porem já é tarde!

Mas, a proposito deste ponto, permitta S. S. que ainda

o importune com uma reflexão a respeito do seguinte modo de argumentar que, a não provir de algum lamentavel descuido, como creio que provem, me causaria grande admiração e desgosto; cita S. S. um trecho meu deste modo—*«aquelle xarope não é hoje o preparado que mais extensamente se emprega no Brazil na cura do beri-beri.»*

E d'ahi tira immediatamente esta formidavel conclusão:—*«logo, até certo tempo empregava-se extensamente, ou antes, exclusivamente, etc.»* e prosegue dizendo, que só a longa e dolorosa experiencia fez desvanecer as esperanças na sua efficacia.

A conclusão é bem deduzida, sem duvida, e seria realmente para atordoar um fraco argumentador como eu, se reparando para o meu texto não visse que S. S. lá deixou cahir da penna, sem intenção, devo crer, aquelle dyssillabo—*hoje*—que é a base do seu raciocinio. Isto não é uma metonymia, de certo, nem outra qualquer figura, supponho, mas... desfigura lastimosamente o meu dizer, em meu prejuizo e vantagem para S. S., o que de nenhum modo é equitativo.

A respeito do numero de beribericos mortos pelo fatal xarope de Easton, com ataques nervosos ou convulsões, e de que teve noticia, o illustrado correspondente apresenta, como prova do que affirmou em sua carta de maio, o total de... 1.

O numero dos que as tiveram e escaparam, ao que parece, sobe a... 2.

E' por isso, e pelas informações que lhe foram fornecidas por individuos que soffreram de beri-beri, que S. S. responsabilisa o xarope de Easton, e portanto os medicos que o receitam, pela morte de muitas pessoas que *todos os annos* succumbem ao beri-beri no Brazil, ou, por outra, ao tal xarope!

A argumentos desta especie não ha realmente nada que dizer.

5.º Disse, finalmente:—que a redacção da *Gazeta Medica* prestaria um serviço, procurando abrir uma discussão larga, scientifica, digna, *sobretudo*, ácerca de tão importante assumpto (o trabalho do Dr. Bozzolo sobre o *ankylostoma*, que S. S. perguntou se não será o nosso terivel beri-beri). Eu respondi que isto queria dizer que aquelle periodico ainda não tinha aberto, sobre o assumpto alludido, uma discussão nas condições recommendadas por S. S.; e affirmei que em todos os seus 11 volumes já publicados se encontram naquella revista numerosos artigos, nos quaes se discutiu aquella materia, larga, scientifica e dignamente, como sempre o quiz e ha de querer a sua redacção

Ora, não ha duvida que o conselho é bom, absolutamente fallando; mas o proprio facto de S. S. o suggerir e recommendar com tanta instancia, implica a necessidade que teve de o dar, pelo receio de que, sem elle, a *Gazeta Medica*, a proposito da hypoemia e beri-beri, iria, talvez, procurar para modelos de discussão scientifica os libellos diffamatorios, etc., etc., que S. S. justamente reprova e condemna entre homens de sciencia.

Diz o correspondente a este respeito que os máos exemplos e os máos costumes são importados em grande parte de Portugal, e allude ao recente assalto de que alli foi victima uma princeza litterata. A *Gazeta Medica* até hoje, graças a Deus, só tem procurado imitar os bons exemplos que, felizmente, ainda por lá e por cá se encontram.

E S. S. como homem de letras, e, de alguma sorte, vinculado á imprensa jornalística desta provincia, não deve, desculpe dizer-lh'o, limitar-se a moralisala só com os bons exemplos que lhe dá em seus escriptos, mas profligar tambem severamente os importadores d'aquella ruim, detestavel mercadoria, e impedir, quanto ser possa, o seu consumo entre nós.

Quanto á *Gazeta Medica*, não tenha S. S. receio de que a affecte o contagio desses máos exemplos.

\*  
\*\*

Aqui termino as reflexões, já em demasia longas, que me occorreram a respeito dos trechos que eu impugnei ou rectifiquei no meu primeiro artigo, os quaes S. S. pretendeu sustentar, affirmar e confirmar na carta a que respondo.

A alguns topicos incidentes, ou secundarios que nella encontro, nada tenho que dizer, como entre outros áquelle em que, como prova de cousa nenhuma sabermos os medicos brazileiros sobre causas e tratamento do beri-beri, aponta o facto de ter o governo imperial nomeado *commissões de medicos*, provavelmente para o instruirem sobre a materia.

Lido, como nos mostrou ser, em textos hippocraticos, pormittirá S. S. que, seguindo o seu exemplo, recorde tambem aqui o seguinte, como remate deste meu segundo e ultimo artigo sobre o assumpto da sua doutissima carta.

*Quod enim peregrinum est, cum nondum intellexerint an bonum sit, magis laudant, quam familiare, quod jam bonum esse sciunt; et alienum magis laudant, quam probe notum.*

Agosto, 8 — 1880.

---

## BIBLIOGRAPHIA

---

**RHEUMATISMO CHRONICO NODOSO DAS CRIANÇAS—**  
Recebemos a traducção da interessante memoria que sobre este assumpto escreveo o nosso erudito collega do Rio de Janeiro o Sr. Dr. Moncorvo de